

HEMEROTECA

| | |
|-----------------------------|--------------------------------|
| JORNAL: BEIRA DO RIO | DATA: JUN./JUL. DE 2007 |
| LOCALIZAÇÃO: BELÉM | ANO 4 N.51 P.13 |

GEOCIÊNCIAS E NAEA FORAM OS PIONEIROS



Por Erika Morhy e Tatiana Ferreira

Foto Arquivo Pessoal

Antes mesmo de fazer parte do quadro de docentes da UFPA, Roberto Dall'Agnol mantinha relação próxima com os pesquisadores do antigo Núcleo de Ciências Geofísicas e Geológicas (NCGG) da universidade, atual Centro de Geociências (CG). Isso porque ele trabalhava no projeto Radam, responsável por mapear a Amazônia com diferentes metodologias. "Foi o primeiro projeto que cobriu a Amazônia por completo com imagem de radar e permitiu que a gente tivesse uma visão integrada de todo o território", conta. As pesquisas básicas sempre predominaram no grupo, lembra Netuno Nobre Villas, que se integrou à equipe em 1976, quatro anos depois de ser constituída sob a liderança de Seixas Lourenço. "O primeiro pedido que ele me fez foi assumir a coordenação da pós-graduação (...) e me envolvi de cabeça", conta o então recém-doutor. Ele diz que os recursos do Fundo Nacional para Ciência e Tecnologia (FNDCT/Finep) eram os mais significativos, e, no entanto, priorizavam a pesquisa aplicada. "Nós fomos contemplados talvez por sermos um grupo novo e porque a Amazônia sempre foi uma região que sensibilizou alguns diretores desses órgãos", argumenta Netuno.

Ele explica que, no início, os grupos e linhas de pesquisa não estavam bem definidos como aconteceu com o passar dos anos. A própria Geofísica tomou corpo primeiro, e, em seguida, a Geologia e a Geoquímica se consolidaram a tal ponto de se manter até hoje em nível 6, pela avaliação da Capes. "Com exceção da Petrobras e da CPRM (Companhia de Recursos Minerais), só quem fazia Geofísica aplicada no Brasil era a Universidade Federal da Bahia, com o professor Carlos Alberto Dias. (...) Fomos a segunda instituição a criar um curso de pós-graduação em Geofísica, muito dirigido à prospecção mineral, e ele sempre foi referência no país", afirma Netuno. Ele ressalta que Carlos Alberto Dias foi o mentor do grupo que primeiro se deslocou para a UFPA, "só que não teve apoio do reitor da UFPA na época, e recebeu este apoio na Bahia".

Não foi fácil a instalação do grupo, mesmo com o professor Lourenço, garante Netuno.

Desde 1964, diz ele, já havia um grupo de professores no curso de Geologia, mas a graduação tinha muito poucos incentivos. Para ele, "Lourenço percebeu que fortalecer a pós-graduação era fortalecer a graduação, como de fato aconteceu. (...) Mas ele chegava para dar aula e, várias vezes, encontrava a porta da sala trancada".

Desafios - Netuno Villas ainda foi pró-reitor de Administração (1985-1987) e de Pesquisa e Pós-graduação (1987-1989) da UFPA. Para ele, existem duas questões espinhosas na atualidade com as quais o grupo precisa lidar. Uma delas diz respeito à renovação do quadro de pesquisadores, já que muitos se encaminham para a aposentadoria e falta concurso público para absorver aqueles que concluem seus doutorados. "Essa política de reposição do MEC pode condenar alguns grupos, algumas instituições e algumas unidades a perder o viço, o vigor", critica. A outra preocupação se refere à política, cada vez mais forte, de incentivo às pesquisas aplicadas, e que não contempla o perfil dos grupos do CG. "Precisamos nos adaptar, (...) identificar muito bem onde podemos atuar com mais eficiência diante dessa nova filosofia que existe para a ciência e tecnologia".

Planejamento do desenvolvimento regional motivou criação do Naea

No início da década de 1970, o planejamento do desenvolvimento regional era um tema dominante nos debates latino-americanos. Professores e pesquisadores de várias regiões do Brasil e de seus países vizinhos procuravam entender porque a América Latina não conseguia deixar o subdesenvolvimento para trás. Os problemas comuns eram vários: o analfabetismo, a desnutrição, a pobreza e a dependência econômica, entre outros. Passou-se, então, a buscar uma compreensão interdisciplinar dessa problemática.

Envolvido nesse contexto, um grupo de professores da UFPA vinculados a cursos como os de economia, arquitetura e à área das humanidades resolveu unir esforços no intuito de formar especialistas capazes de refletir sobre essas questões não só em nível de Brasil, mas também sob uma perspectiva amazônica. E assim, em 1972, foi criado o Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (Naea), pioneiro na implantação da pesquisa e pós-graduação interdisciplinar no âmbito da UFPA.

"O primeiro coordenador do Naea foi o professor Marcelino Monteiro da Costa, que permaneceu a frente do núcleo durante dez anos. Ele estruturou o Naea e pensou, desde o começo, na sua dimensão internacional. O professor Armando Mendes também foi fundamental, não só porque participou da concepção, mas também porque como pró-reitor de Pesquisa, ajudou a viabilizar o que era necessário ao bom funcionamento desse projeto" conta a socióloga Edna Castro, atual coordenadora do núcleo. Dessa primeira equipe também fizeram parte José Capela, Samuel Sá, Paulo Cal e Coutinho Jorge.

A UFPA estava há pouco tempo no campus do Guamá e o Naea foi inicialmente abrigado nos altos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH). Em 1973, foi iniciada a primeira turma do Fipam. "A idéia era que a pesquisa desde o início fosse desenvolvida dentro da pós-graduação. Os alunos participavam de grupos de trabalho temáticos. Eles ficavam instalados nos laboratórios de pesquisa e cada laboratório tinha um professor coordenador, que ao mesmo tempo era orientador. Esse primeiro curso recebeu apoio de instituições como Sudam, Banco da Amazônia, Fundação Ford e IPEA, o que permitiu que as equipes pudessem fazer viagens de pesquisa reconhecendo a área da Amazônia e possibilitou que fossem trazidos para o debate com os alunos professores reconhecidos nacionalmente e internacionalmente na área do planejamento do desenvolvimento", conta a coordenadora.

O mestrado em Planejamento do Desenvolvimento (Plades) foi criado em 1977. O doutorado começou em 1994, quando as questões ambientais ganharam destaque no debate sobre a Panamazônia. Com isso, o programa passou a chamar-se Programa de Pós-graduação

em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, na perspectiva de ampliar ainda mais seu campo de discussão. O Naea vem produzindo conhecimento científico sobre as principais questões relacionadas ao desenvolvimento da Amazônia, tendo atuação reconhecida internacionalmente. Até o final de 2006, foram produzidas 257 dissertações de mestrado e 69 teses de doutorado.

Bragança

O primeiro doutorado ofertado em uma cidade do interior da Amazônia é resultado, essencialmente, do amadurecimento de pesquisas que se iniciaram em 1995, no campus de Bragança. O projeto Manejo e Dinâmica de Manguezais (Madam) foi realizado em cooperação com a Universidade de Bremen (Alemanha) e evoluiu para o Núcleo de Estudos Costeiros (NEC), o único Instituto do Milênio no Norte do Brasil. No ano 2000, o grupo de pesquisadores deu início à sua primeira turma de mestrado no programa de pós-graduação em Biologia Ambiental e, em 2007, a de doutorado.

Coordenador do programa, Rauquírio Marinho da Costa destaca que este é ainda o primeiro programa a centralizar suas atividades no estudo dos ecossistemas costeiros amazônicos, o que reflete sua importância em nível regional e nacional. Entre os fatores que propiciaram esse feito, estão "o apoio da atual gestão da UFPA, no que concerne à política de contratação de docentes para os cursos de Biologia e Engenharia de Pesca do campus; e o apoio, por meio da abertura de editais, dados pelas agências nacionais de fomento nos últimos anos, o que permitiu a consolidação dos grupos de pesquisa".

Leia Mais: Universidade busca excelência científica